

O MUNDO COMO REFERÊNCIA – SOBRE A MÍMESIS EM PLATÃO

Luisa Severo Buarque de HOLANDA¹

RESUMO

O artigo procura formar uma concepção do termo 'mímesis' em Platão. As hipóteses sustentadas são: que a mímesis platônica supera os limites da estética para revelar uma problemática ontológica; que podemos distinguir dois tipos de mímesis na obra de Platão, chamados aqui de "imitação verdadeira" e de "imitação falsa"; que a metafísica platônica toma como base a possibilidade de uma imitação verdadeira para estabelecer uma obra cuja forma e conteúdo nos reapresentam a estrutura poética da realidade.

Palavras-chave: Mímesis, paradigma, imagem.

WORLD AS REFERENCE – ON PLATO'S MIMESIS

ABSTRACT

This article tries to explain the concept of mimesis in Plato. The defended theories are: that platonic mimesis goes beyond the

⁽¹⁾ Doutoranda em Filosofia pela UFRJ, atual bolsista da Capes.

boundaries of aesthetics and reveals an ontological matter; that we can distinguish two types of mimesis in Plato's work, here entitled "true imitation" and "false imitation"; that platonic metaphysics considers the possibility of a true imitation to establish a work whose form and content represent the poetic structure of reality.

Key words: *Mimesis, paradigm, image.*

INTRODUÇÃO

O exame do termo *mimesis* na obra de Platão oferece de imediato uma enorme variedade de caminhos de investigação, pois este conceito aparece em muitos contextos e é utilizado para explicar fenômenos diversos. Na argumentação que pretendemos realizar aqui, as hipóteses sustentadas serão as seguintes: em primeiro lugar, que a *mimesis*, na obra platônica, não diz respeito unicamente a uma questão estética, mas supera os limites da imitação artística para revelar uma problemática ontológica. Em segundo lugar, que podemos observar dois tipos de *mimesis* em Platão, chamados no presente contexto de "imitação verdadeira" e de "imitação falsa". E, em terceiro lugar, que o próprio pensamento platônico toma como base o conceito de *mimesis* e a possibilidade de uma imitação verdadeira para estabelecer uma metafísica estética, em que sua própria obra, tanto em termos formais quanto em termos de conteúdo, nos apresenta uma visão artística do mundo e uma estrutura poética da realidade.

1. A MÍMESIS TRADICIONAL E A MÍMESIS PLATÔNICA

Segundo Jaeger em seu comentário sobre a *República*², Platão herdou da Grécia primitiva dois conceitos, aceitando-os e ao

⁽²⁾ Cf. **Paidéia**, p. 836, Paradigma e Mimesis.

mesmo tempo transformando-os: o conceito de paradigma e o de mimesis, ou ainda, de modelo e de imitação. A paidéia grega mais antiga era inteiramente baseada na suposição de que a educação se realiza a partir da imitação de modelos. Os paradigmas míticos e históricos eram padrões de comportamento, e essa era a tarefa educadora da poesia. Platão não nega essa suposição. Com efeito, o aprendizado na *República* acontece também por meio da imitação, e é precisamente por isso que a poesia deve ser exaustivamente examinada e controlada.

A questão poética, então, tal qual aparece na *República*, está longe de ser analisada a partir de uma perspectiva estética. A análise é puramente moral e ética, e nos ensina muito mais sobre a natureza humana do que sobre a natureza da poesia; e o que ela revela é precisamente a natureza imitadora da alma humana que, por não saber inicialmente seu *ethos*, seu lugar adequado e sua função conveniente, tem grandes possibilidades de enganar-se. Esse engano aparece como *hybris*, como ignorância, como injustiça e como falsidade. A imitação não é, inicialmente, algo condenável em si. É, pelo contrário, algo necessário, mas cuja necessidade pode ser fonte também de atitudes condenáveis. A imitação é, para o homem, imprescindível enquanto meio de aprendizado, de desenvolvimento, de formação, e deve ser bem direcionada e bem elaborada para que não cause maiores danos.

Há uma passagem na *República* que trata da educação e que pode auxiliar enormemente na compreensão desse desdobramento do conceito de mimesis. No Livro II, encontra-se a descrição de um homem perfeitamente injusto que *parece ser* justo e que, “ao cometer as maiores injustiças, granjeia para si mesmo a mais excelsa fama de justo”. Esse homem é confrontado com o homem justo que “não quer parecer bom, mas sê-lo”, e que, apesar de justo, tem fama de injusto e não recebe honrarias³. Na expressão *parece ser* podemos ler também

⁽³⁾ *República*, 360 e – 361 e.

o sentido de: um homem injusto que finge ser justo, ou seja, que imita exteriormente o homem justo. Essa passagem esclarece o motivo da condenação de Platão a um tipo de imitação, que é o *parecer ser, sem ser realmente*. Imitar, certas vezes, é parecer ser algo que não se é, assumir um disfarce ou sustentar um fingimento. É ter meramente a aparência de algo, mas não a sua realidade nem a sua essência. Esse sentido de imitação, então, está na base do estabelecimento da oposição entre ser e aparecer, entre a essência e a aparência, e é por isso um problema ontológico. Apelidemos de ‘imitação falsa’ esse sentido de mimesis. É também ele que justifica a condenação platônica à pintura e à escultura, por exemplo, já que elas produzem imagens que se parecem com as coisas, mas que não são, e que imitam apenas seus exteriores, deformando as reais medidas para que as imagens pareçam com nossas perspectivas e pontos de vista.

É ainda esse tipo de imitação que permite a reprimenda platônica ao discurso falso tanto do sofista quanto do poeta, que modelam suas palavras às opiniões gerais, da multidão, deixando de modelá-las segundo a verdadeira essência dos entes. De fato, no diálogo *Sofista*, na ocasião das divisões dos gêneros para obter a definição do sofista, este último e os artistas (pintores, poetas etc) são descritos de modo muito semelhante, e a chamada ‘arte de exibição’ é comparada à sofística em vários sentidos. Por isso, ambas as técnicas – a sofística e a artística em geral – são conjuntamente incluídas em uma ‘arte que produz imagens, ou mimética’⁴, cuja subespécie apelidada de ‘arte do simulacro’ se divide em simulacros ‘por meio de instrumentos’ e simulacros onde ‘a pessoa é um instrumento’. Esse último divide-se ainda em ‘imitações onde a pessoa conhece o objeto imitado, ou mimética sábia’, e ‘imitações onde não se conhece o objeto imitado, ou doxo-mimética’. Esta é dividida entre ‘imitação ingênua’ e ‘imitação irônica’, e aqui encontra-se finalmente o sofista.

Contudo, a própria divisão operada no *Sofista*, junto com as afirmações acerca de um tipo de imitação chamado aqui de ‘imitação

(4) Cf. *Sofista*, 235 c.

falsa' clamam por um esclarecimento: qual seria, afinal, o outro tipo de imitação? Se o sofista é encontrado dentro da subdivisão apelidada de doxo-mimética, por oposição a uma mimética sábia, é necessário delinear de forma mais precisa que imitação é admitida por Platão, a ponto de ser chamada de sábia.

2. MIMÉTICA SÁBIA

No Livro III da *República* encontra-se a seguinte afirmação com relação aos guardiões: “Se imitarem, que imitem o que lhes convém desde a infância – coragem, sensatez, pureza, liberdade, e todas as qualidades dessa espécie. Mas a baixeza, não devem praticá-la nem ser capazes de a imitar, nem nenhum dos outros vícios, a fim de que, partindo da imitação, passem ao gozo da realidade. Ou não te apercebeste de que as imitações, se se perseverar nelas desde a infância, se transformam em hábito e natureza para o corpo, a voz e a inteligência?”⁵ Se aprendemos pela imitação é porque, de tanto imitarmos, acabamos por incorporar aquilo que imitamos, ou seja, a imitação influencia o caráter do imitador. O que se imita desde a infância se transforma em hábito e natureza; por conseguinte, devemos, e essa é uma recomendação explícita, imitar homens virtuosos em ações virtuosas, para nos tornarmos iguais ou superiores a eles. Assim sendo, Platão deixa entrever, de modo paradoxal, que nesses casos pode não haver diferença entre imitar e ser.

Entretanto, essa colocação, de certa forma, funde duas imitações diferentes: a imitação proposital e nada ingênua de quem quer fingir algo, – como a imitação do ator, por exemplo –, e a imitação do aprendiz que, como passo necessário dentro de um caminho, influencia e deve influenciar aquele que pratica a imitação. Logo, se tanto o que realmente almeja algo quanto o que finge almejá-lo precisam igualmente da imitação, será que é possível haver alguma distinção entre um homem honesto e um homem que imita a honestidade e os

⁽⁵⁾ *República*, 395 c.

atos honestos? Talvez seja preciso pensar na diferença entre aquele que já avistou – para darmos seguimento à metáfora do olhar estabelecida na *República* – a essência da honestidade e aquele que ainda não o fez, e que pode estar, ou não, a caminho de fazê-lo.

Mas o que é a essência da honestidade senão a idéia de honestidade? O homem honesto, que avistou a essência da honestidade, que foi capaz de compreendê-la, de enxeirgá-la tal como ela verdadeiramente é, é o homem que imita a idéia de honestidade. É esse o segundo sentido da mimesis em Platão que é preciso salientar. A diferença entre o que estou aqui chamando de “falsa imitação” e o que chamo de “verdadeira imitação”, que também poderia chamar, respectivamente, de “má imitação” e de “boa imitação”, já que de fato há um julgamento moral presente nessa descrição, é a diferença entre o “parecer ser, sem ser” e o “parecer ser, sendo verdadeiramente”. Se precisamos imitar para aprender, é pela imitação da idéia que aprendemos de fato. Ou seja: conhecer a idéia, para o homem, pressupõe imitá-la, e nessa hipótese se baseia a afirmação de que existem dois tipos de imitação em Platão. Essa afirmação, aliás, é corroborada pela seguinte passagem: “(...) olhando e contemplando objetos ordenados e que se mantêm sempre do mesmo modo, (...) é isso que imitamos e a isso nos assemelhamos o mais possível. Ou achas que há alguma maneira de não imitar aquele com quem convivemos, se o admirarmos?”⁶

A própria novidade platônica que ressalta a ilusão e o erro das imitações, portanto, precisa de um canal aberto para a possibilidade do conhecimento, gerado igualmente pela mimesis, mas por uma mimesis verdadeira. A imitação verdadeira é a imitação da idéia, do paradigma, da referência, do mais perfeito modelo. É o imitar o que se *deve* imitar. Nesse dever entra a problemática da educação, e nela a da poesia na *República*.

A existência de uma imitação verdadeira em Platão pode ser igualmente demonstrada pela oposição entre a produção artística e a

⁽⁶⁾ *República*, 500 c.

confeção de artefatos e instrumentos. O abismo que separa esses dois tipos de produção e de construção – a do artista e a do artesão – é o fato de que o primeiro, segundo Platão, parte apenas do olhar mais imediato, do formato e das cores, por exemplo, para realizar sua obra, e o segundo parte de uma noção mais profunda daquilo que será confeccionado. No ato de produção de uma cama, por exemplo, é preciso ter em mente tanto sua utilidade e seus propósitos, quanto suas dimensões, seus possíveis materiais etc. É preciso saber, portanto, a que finalidade se destina aquele objeto, quem dele usufruirá, qual a melhor maneira de executá-lo etc. Sendo assim, este produtor precisará conhecer a definição do objeto que executará, isto é, seu conceito e sua idéia. Está claro que a idéia também inclui a forma, também é *eidos*, mas uma forma com conteúdo, com recheio, enquanto que a forma imitada pela aparência se restringe a uma imagem oca, vazia.

No décimo livro da *República*, em que o autor explora de modo exaustivo a idéia da mimesis artística, contrapondo-a à produção do artesão, é possível encontrar uma excelente demonstração de que esta última também pode ser considerada mimética⁷. Nesse contexto, Sócrates compara um hipotético artífice que fosse capaz de tudo criar quando andasse pelo mundo com um espelho na mão, a refletir todas as coisas que encontrasse, com um marceneiro, que não executa a própria idéia da cama que fabrica, mas algo de semelhante a ela. O primeiro, o que tudo reflete por meio de um espelho, e que representa o poeta, produz apenas objetos aparentes, desprovidos de existência real. Mas o segundo, igualmente, não pode fazer o que existe, a idéia, mas algo que, ao se assemelhar ao que existe, também não constitui uma realidade completa. Ambos, portanto, são apenas *semelhantes* a um outro objeto, que para eles constitui uma referência. O exemplo do marceneiro em contraposição ao artífice que tudo reflete é bem claro quanto a isso porque, ao afirmar que o marceneiro faz uma cama *semelhante* à cama que existe, liga diretamente este tipo de produção à imitação. Fazer algo semelhante é imitar, e porque imita a idéia torna-

(7) *República*, 596 c.

-se imitação verdadeira. A diferença entre esta e a imitação falsa fica evidente a partir do exemplo platônico: uma procura se assemelhar à própria idéia, ao mais elevado, ao mais real, e a outra procura se assemelhar a algo que já é em si uma semelhança. Procura, portanto, imitar algo que já é uma imitação, tornando-se assim uma imitação duplamente afastada da realidade, ou ainda, tornando-se duas vezes mais mimética.

Em suma, podemos dizer que a imitação verdadeira, correspondendo à essência e não apenas à aparência, simultaneamente difere e se assemelha à imitação falsa. Difere porque direciona seu olhar para a idéia, mas se assemelha porque o homem aprende e conhece imitando, assim como finge e desconhece imitando. Ao imitar, pode estar apenas parecendo ser algo que não é, ou pode estar, pelo contrário, compreendendo e se apropriando daquilo que imita.

Um outro bom exemplo da dupla acepção da mimesis platônica é o *Crátilo*. Nesse diálogo, cujo tema é a justeza dos nomes, a linguagem é definida como algo que, utilizando-se dos sons, tanto é capaz de imitar as essências das coisas, assemelhando-se a algo divino, quanto é capaz de “permanecer embaixo com o comum dos homens”⁸, produzindo fábulas e mentiras. Sendo produto e instrumento humano para o conhecimento do mundo, a linguagem participa também daquela natureza dupla e dúbia do homem, capaz do acerto e, justamente por isso, capaz do erro. É imitação das essências das coisas quando acerta e quando habita os cumes divinos. Quando erra e habita as profundezas, criando fábulas, ilusões, ficções e mentiras, imita igualmente, mas dessa vez imita as meras aparências e sombras de coisas. Estão aí, portanto, na duplicidade da linguagem e da natureza humana, precisamente os dois sentidos de mimesis delineados anteriormente: a linguagem, imitando a essência, é mais um exemplo de mimesis verdadeira. A própria linguagem, imitando a aparência, é mais um exemplo de mimesis falsa. O lógos, portanto, assim como a téchne, sempre imita, quer seja verdadeiro, quer seja falso. Essa

⁽⁸⁾ *Crátilo*, 408 c.

conclusão só faz ratificar a hipótese de que é próprio do homem imitar, tanto quando aprende e conhece quanto quando desaprende e desconhece. A mimesis, sendo própria da natureza humana, deve ser, portanto, tão dupla quanto ela.

CONCLUSÃO - O CONCEITO DE MÍMESIS EM PLATÃO

Uma observação geral sobre os deuses do mundo helênico nos faz notar que o divino grego não é o oposto do humano, mas é um exagero do humano: suas características não passam de características humanas superlativas. Em Platão, o divino não deixa de ser um exagero do humano, mas não de toda e qualquer característica humana; apenas das melhores dentre elas. São os deuses, por conseguinte, as eternas referências que possibilitam o aprimoramento do homem. Do mesmo modo, a *idéia* não é o contrário do fenômeno, mas é o fenômeno em todo seu esplendor e com toda nitidez. O ente temporal, por sua vez, como cópia ou imitação imperfeita da *idéia*, reproduziria seus traços essenciais, procurando corresponder ao máximo ao seu modelo, mas sendo incapaz de lhe corresponder totalmente.

A relação entre imitação e modelo em Platão, portanto, deve ser entendida como um remetimento. O modelo é uma referência. Mais do que isso, ele é uma boa referência, ou a melhor referência possível. A imagem, por meio da imitação, refere-se a ele, e nessa referência precisa tomá-lo como base, como ponto de partida, como padrão de qualidade, por assim dizer. A imitação precisa estar à altura do modelo imitado, baseando-se nele, remetendo-se a ele e referindo-se a ele. A noção de referência é ao mesmo tempo, no tocante à natureza humana, a visão de que o homem, ao produzir, precisa de um ponto de partida. Imitar é *partir de algo*. Seu resultado pode ou não reproduzir um conteúdo, mas a ação sempre tem início tendo em vista algum modelo.

É justamente nesse ponto que a presente hipótese se apoia para afirmar que a *idéia* da imitação de um paradigma se reflete na

metafísica, ou ontologia, platônica de forma profundamente marcante. Em primeiro lugar, note-se como ocorre, no sistema platônico apresentado no *Timeu*, por exemplo, a própria geração natural, da *physis*. Assim como a idéia de cama é só uma e cada marceneiro executa uma cama individual baseando-se na idéia natural de cama, a idéia do universo é também única, e todo o cosmo surgiu por obra de um demiurgo, que o produziu tendo em vista um modelo imutável, sempre igual a si mesmo. Esse demiurgo nada mais é do que um artífice natural, que produz os entes físicos ao modo dos entes técnicos. Os conceitos de imitação e de modelo, portanto, foram evidentemente transportados para a própria estrutura da realidade, de modo que a visão platônica de mundo parece basear-se inteiramente neles. No *Timeu* há uma enorme variedade de exemplos que demonstram o quanto a idéia de mimesis é atuante na explicação da origem do universo e do mundo, recorrendo o autor inúmeras vezes à idéia de uma formação à imagem e semelhança de um modelo, e também o quanto a atividade artística é referência para a atividade de criação natural, isto é, do demiurgo.⁹

Nessa estrutura de mundo, em que as coisas nascem e surgem sempre como referências à idéia, os entes são imagens e reflexos de suas formas reais. O próprio mundo é imagem, sombra e reflexo de seu ser real, portanto imitação de um modelo posta em prática por alguém que soube direcionar o olhar de forma adequada.

⁽⁹⁾ **Timeu**, 37 c: “Quando o pai percebeu vivo e em movimento o mundo que ele havia gerado à semelhança dos deuses eternos, regozijou-se, e na sua alegria determinou deixá-lo ainda mais parecido com seu modelo.” **Timeu**, 41 c: “(...) aplicai-vos, na medida de vossa capacidade, a formar tais seres, imitando nisso meu poder por ocasião de vosso nascimento”. **Timeu**, 50 b: “Suponhamos que um artista modelasse com ouro figuras das mais variadas formas, sem parar de passar de uma forma para a outra, e, ao mostrar a alguém uma dessas figuras, se essa pessoa lhe perguntasse o que era aquilo, a resposta mais próxima da realidade seria declarar que é ouro (...)” **Timeu**, 75 b: “Mas o certo é que os artistas de nossa formação (...)” **Timeu**, 92 c: “Havendo recebido em grande cópia seres vivos, mortais e imortais, este mundo se tornou um animal visível que abrange todos os animais visíveis, um deus sensível feito à imagem do inteligível.”

A partir do que foi afirmado acerca do aprendizado humano e da estrutura icônica do cosmo, nota-se que a metafísica platônica, mais do que duplicar o mundo, coloca-nos sempre na posição de ter uma tarefa a realizar. O mundo como referência a algo outro não necessariamente retira a importância do nosso mundo, pois o fato a ser frisado não é o outro, mas a necessidade de que o nosso se assemelhe a algo que é mais perfeito. Essa tarefa, então, consiste em estar sempre mirando uma referência para que o processo não estanque.

Não se pode esquecer, além disso, que na *República* o modelo não *precisa* ser atingido¹⁰, pois o próprio conceito de paradigma implica na impossibilidade de sua plena realização, a não ser, quando muito, de forma aproximada; quanto menos dele nos distanciarmos, tanto melhor será para o nosso exercício de aprimoramento, mas ainda que, no fim das contas, o modelo semostre inatingível, ele não deve ser jogado fora. Desprezar o modelo significa a falta de referências e de parâmetros, portanto a falta de um ponto de partida. A falta de pontos de partida, por sua vez, significa a carência de um princípio, isto é, de um fundamento. A ontologia platônica dá fundamento ao mundo, não a título de desvalorização, mas a título, talvez, de exortação. E é

⁽¹⁰⁾ **República**, 472c: “Lembremos que chegamos a este ponto para indagarmos a natureza da justiça e da injustiça. Se descobrirmos a primeira, entenderemos que o homem justo em nada difere dela, mas em tudo lhe é semelhante, ou estaremos satisfeitos se se aproximar bastante dela e dela participar mais do que os outros? O segundo caso. Logo, não queríamos demonstrar que esse homem perfeitamente justo existe, mas como seria se existisse, para assim se tornar um paradigma. Um pintor que pinta um modelo do que seria o mais belo dos homens não vale, por não poder demonstrar a sua possibilidade de existência? Nós também não falamos menos bem, estivemos a dar um padrão, modelo, paradigma. (...) Não precisa, portanto ser perfeitamente realizado na prática tudo quanto foi descrito, mas se encontrarmos algo aproximado já estaremos satisfeitos.” **República**, 592 b: “Referes-te à cidade que edificamos há pouco na nossa exposição, àquela que está fundada só em palavras, pois creio bem que não se encontra em parte alguma da terra. Mas talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando-a, fundar uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas de mais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento.”

necessário ressaltar que ela não parte apenas de uma necessidade moral, mas parte especialmente de uma observação do modo de ser das coisas, que, com efeito, sempre surgem de algo, sempre têm começo e princípio, e sempre se transformam a partir de um ponto inicial. É por isso que o chamado “outro mundo”, ou a idéia, não é nem poderia ser o contrário do mundo dos fenômenos, mas apenas uma exacerbação de tudo que nele há de melhor, caso contrário não se tornaria modelo a ser realizado aproximadamente, mas negação de qualquer possibilidade mimética.

Se for possível, portanto, descrever uma espécie de esquema platônico de mundo, comum aos tão variados diálogos, nota-se sobretudo um tipo de jogo no qual a realidade por vezes se esconde atrás de sombras e por vezes se apresenta como modelo a ser refletido pelos mais diversos espelhos: a natureza, a técnica, o conhecimento, a linguagem. O mundo, então, como imagem da realidade, é por sua vez retratado e representado pelas sombras ilusórias da arte, que por mais enganadora que possa parecer, e mesmo sendo imagem da imagem, serve ela mesma como modelo para esse próprio esquema de mundo. Esse jogo, portanto, ao parecer localizar a arte por baixo de uma certa escala de realidade, coloca-a como referência para a própria estrutura da realidade, dando assim uma volta completa. Ou seja: a condenação de Platão à arte deve ser relativizada, não no sentido de minimizar o discurso explicitamente condenativo, mas na medida em que esta, por meio de uma inversão possibilitada precisamente pelo conceito de mimesis, torna-se parâmetro para todas as atividades, gerações e produções da natureza e da humanidade. O jogo não deixa de ser um círculo, em que a idéia serve de modelo para o mundo, que serve de modelo para a arte, que serve de modelo para a estrutura geral. E a mimesis é a atividade que articula toda essa relação entre modelo e produção. Como intermediadores de tal jogo de modelo, imitação e produção, encontram-se: o demiurgo – arquiteto do mundo, no *Timeu*, – o artesão – que confecciona artefatos, na *República*, – o filósofo – que produz conhecimento, também na *República*, – o legislador, ou plasmador de nomes, – que forja a linguagem, no

Crátilo, – o artista – criador de poesia, música, pintura e escultura, na *República*, – o legislador – que traça as constituições escritas, no *Político*¹¹ e nas *Leis*¹², - e até mesmo o sofista – produtor do discurso falso, no *Sofista*. Todos os diálogos citados mostram de alguma forma que a arte é modelo das atividades humanas e naturais em geral e que a grande originalidade de Platão, e talvez sua maior característica, consiste em forjar em sua literatura metafísica uma visão artística da realidade¹³.

Dentro desse jogo de espelhamento, modelagem, projeção e reflexo que constitui a realidade platônica, a sua obra deveria, igualmente, refletir tal estrutura de mundo. Isso equivale a dizer que a noção de mimesis precisa determinar o próprio estilo do filósofo. Em formato de diálogo, estilo direto em que o autor não se coloca como personagem, mas escolhe as personagens mais adequadas para cada discussão, Platão precisa imitar e parodiar, ou ironizar pela imitação, o estilo de fala e a estrutura de linguagem de cada uma. Em certos casos, o pastiche é explícito¹⁴, o que faz com que muitas vezes seja

(11) **Político**, 300 c: nessa passagem, Platão apresenta as constituições como "imitações da verdade traçadas o melhor possível por aqueles que sabem".

(12) **Leis**, VII, 817 b. "Ó melhores dentre os estrangeiros, lhes diremos, nós também, de acordo com nossas habilidades, somos poetas trágicos, e nossa tragédia é a melhor e mais nobre; pois todo o nosso estado é uma imitação da melhor e mais nobre vida."

(13) No **Crátilo**, 424 d–425 b, Platão compara a semelhança pelo nome e o ato de nomear à semelhança pela pintura e o ato de pintar. A mistura, união e composição dos elementos da fala (letras e sílabas) é como a mistura, união e composição dos elementos da pintura (as cores).

No **Timeu**, 28 b, o autor afirma: "Quando o artista trabalha em sua obra, a vista dirigida para o que sempre se conserva igual a si mesmo, e lhe transmite a forma e a virtude desse modelo, é natural que seja belo tudo o que ele realiza. Porém, se ele se fixa no que devém e toma como modelo algo sujeito ao nascimento, nada belo poderá criar. (...) Mas quanto ao autor e pai deste universo, (...) qual dos dois modelos tinha em vista o arquiteto quando o construiu: o imutável sempre igual a si mesmo ou o que está sujeito ao nascimento?"

(14) Cf. **Górgias**, 448 c e 467 c: "Para usar o teu estilo ao falar contigo, meu caro amigo, não censure o que digo." A paronomásia seria um dos meios de embelezamento do estilo recomendados pelo tratado de Pólo, que Platão parodia.

necessário, na interpretação de Platão, verificar qual personagem, e com que propósito, está proferindo cada definição. Alguns diálogos são considerados como perfeitas obras dramáticas, trágicas ou cômicas, conduzidas de modo a envolver o leitor em sua trama, e divididas em atos, incluindo prólogos e interlúdios, que influem positivamente na persuasão do interlocutor e na compreensão da obra. Em tais diálogos, as personagens são particularmente bem construídas, o que fez com que Platão fosse considerado por muitos comentadores como estando, sob esse aspecto, no mesmo patamar dos grandes dramaturgos da história. Sua obra aparece, portanto, sob um formato literário-teórico, que espelha uma metafísica poética e apresenta um conteúdo ontológico em forma artística.

Em outras palavras, pode-se afirmar que, imitando a própria estrutura reflexiva da realidade, a obra de Platão tem como conteúdo o espelhamento de tal estrutura e como forma um meta-discurso mimético. *A República*, nesse sentido, aparece como um jogo de espelhos em que um discurso direto utiliza discursos diretos e indiretos para falar dos próprios modos de discurso. Esse jogo espelha a própria relação entre idéias, essência e conceito, de um lado, e existência e aparência, de outro. Se a condenação ao discurso mimético de homens inferiores se aplica à obra do próprio autor em certas passagens¹⁵, a própria condenação se relativiza e a obra como um todo se salva, por meio de uma estratégia de imitação e de reflexão.

Com o auxílio da visão platônica de que a própria estrutura do mundo é mimética, fica também justificada a necessidade humana de arte, de técnica e, em suma, de imitação. Se tal necessidade foi o ponto de partida para o esquema platônico, ela mesma, inversamente, torna-se fundamentada a partir do esquema. O homem, enquanto ente privilegiado – por ser possuidor de uma porção divina na alma –, reflete em si mesmo esse jogo de reflexos que é a realidade e imagina o mundo como imagem de um modelo e como obra. Talvez, se entendermos a

⁽¹⁵⁾ Exemplos: discursos de Trasímaco, na **República**, e discursos de Cálicles, no **Górgias**.

transcendência e a participação em Platão mais como espelhamento e como atividade artística de um possível mediador, possamos driblar os problemas inerentes à extrema valorização da realidade do inteligível e da desvalorização do sensível, do que se move e se transforma. Talvez o movimento não tenha menos realidade do que o repouso, mas seja um espelho que, não podendo refletir tudo ao mesmo tempo, se direciona, ora para um lado, ora para outro. Essa impossibilidade de reflexão simultânea justifica também que o tempo seja “a imagem móvel da eternidade”¹⁶, espelhando uma coisa de cada vez, ou cada coisa a seu tempo.

O mundo platônico, desta forma, se torna referência, o que possui um duplo significado. De um lado, o mundo como referência é o mundo que tem princípio e fundamento; é o mundo que parte de algo, portanto que tem projeto e se refere a uma outra realidade – o que constitui o significado metafísico. De outro lado, o mundo como referência é em si mesmo uma pauta e um projeto para a realidade produtora do homem que, com obras, produções, invenções, descobertas e ações, espelha as imagens fornecidas pela natureza.

BIBLIOGRAFIA

- PLATÃO. **A República**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. **Sofista**. In Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- _____. **Protagoras, Euthydème, Gorgias, Menexène, Ménon, Cratyle**. Paris: GF-Flammarion, 1967.
- _____. **Timeu, Critias**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986.
- _____. **O Banquete**. Lisboa: Edições 70, 1900.

⁽¹⁶⁾ **Timeu**, 37 d.

_____ . **Apologia de Sócrates**. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.

_____ . **Górgias**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____ . **Phaedrus and Letters VII and VIII**. London: Penguin Books, 1986.

_____ **Statesman, Laws**. London, Encyclopaedia Britannica, INC., 1952.

JAEGER, Werner. **Paideia, A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Introduction à la Lecture des Dialogues de Platon**. Combas, Éditions de l'Éclat, 1991.

RIBEIRO, Luís Felipe B. **Fundamentação Crítica da Metafísica Platônica das Idéias**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

LASSEQUE, M. L'imitation dans *le Sophiste* de Platon. Dans: Aubenque, P. (Dir.) **Études sur le Sophiste de Platon**. Napoli: Bibliopolis, 1991, p. 247 – 265.

VILLELA-PETIT, M. La question de l'image artistique dans *le Sophiste*. Dans: Aubenque, P. (Dir.) **Études sur le Sophiste de Platon**. Napoli: Bibliopolis, 1991, p. 53 – 90.

Dicionários:

Dictionnaire Grec-Français. A. Bailly. Paris, Hachette, 1989.

Dictionnaire étymologique de la langue grecque. P. Chantraîne. Paris, Klincksieck, 1990.